

RAPAZES, TRAJETÓRIAS E MASCULINIDADES EM MOVIMENTO

Márcia Reis Longhi *

Resumo

O presente texto reflete sobre masculinidade(s) a partir das trajetórias de três rapazes moradores de uma comunidade pobre do Recife. O objetivo principal é ressaltar o entrecruzamento de algumas categorias, como geração, gênero, condição social e inserir as trajetórias biográficas e o pertencimento social como elementos fundamentais nesta discussão.

Palavras chave: Gênero. Juventude. Pertencimento Social e Pobreza.

Abstract

The present text reflects upon masculinity (s) from the trajectories of three boys inhabitants of a poor community of Recife. The main objective is to highlight the intersection of some categories, such as generation, gender, social status and to insert the biographical trajectories and social belonging as fundamental elements in this discussion.

Keywords: Gender. Youth. Social Belonging and Poverty.

No presente texto proponho-me refletir sobre os efeitos do cruzamento de algumas categorias – no caso geração, gênero, espaço social e tempo - na vivência cotidiana de jovens que moram no Bode, comunidade pobre do Recife. A masculinidade se apresenta como pano de fundo já que trabalhei apenas com rapazes. No entanto, este não foi o mote das entrevistas. O ponto de partida foi o discurso local a partir de minha provocação: quem é bem visto na comunidade? Quais rapazes são considerados promissores por aqui?^{1,2}

Com esta questão introduzo, conscientemente, um elemento de tensão. Predominam os trabalhos que, ao focar rapazes moradores de bairros populares, geralmente negros, transitam por temas como violência, inserção no tráfico, marginalidade e centram a discussão da masculinidade dominante na virilidade/sexualidade, na violência (sexual ou não) e na força física (Giraldo e Quilez, 2000; Cechetto, 2004; Oliveira, 2007; Silva, 2006; entre outros) .

* Graduada em Psicologia pela Universidade de São Paulo, Mestre e Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Atualmente é professora adjunta do Departamento de Ciências Sociais da UFPB, na área de antropologia e membro do PPGA da UPPB.

¹ O critério para definir o que era ‘bem visto’ e o que era uma ‘trajetória promissora’ foi nativo.

² Na tese faço uma discussão sobre os critérios escolhidos. Neste texto não me deterei nesta questão; afirmo apenas que este mote possibilitou que o trabalho como um todo fosse construído a partir da lógica social local.

Estas escolhas não são arbitrárias. Respaldam-se em elementos concretos e de grande visibilidade.

Podemos dizer que nos dias de hoje, esta construção ampara-se em uma base de sustentação real e nada desprezível, tendo como um de seus principais pilares os dados encontrados em inúmeras pesquisas quantitativas, entre elas a realizada pela UNESCO e que se desdobrou nos vários volumes do Mapa da Violência³. Os números não deixam dúvidas quando o tema é “*mortes por causas externas*”: quem mais morre e, também, quem mais mata, principalmente com armas de fogo, são homens, na faixa etária entre 18 e 24 anos e moradores de bairros de baixa renda. A mídia também veicula, com frequência, notícias que atrelam a violência a este grupo específico⁴. A violência urbana, que tem atingido níveis assustadores em algumas cidades, reforça a construção social que une homens jovens e pobres à periculosidade e ao crime, em nosso país. A literatura sobre masculinidade também destaca a violência como um atributo masculino. Retomarei esta questão mais a frente.

No entanto, opto por trilhar outro caminho; menos evidente, que representa um grupo de menor visibilidade, mas que, apesar disso, ou justamente por isto, pode acrescentar alguns elementos à discussão ampla que vem sendo travada na seara dos estudos sobre masculinidade. O que estou querendo dar destaque é a maleabilidade da incorporação de alguns modelos, que podem variar na trajetória biográfica ou mesmo circunstancialmente a partir de um evento imprevisto.

Após uma rápida contextualização teórica, situando-me nos estudos de gênero/masculinidade, amparar-me-ei na etnografia para, através da trajetória de alguns rapazes pesquisados, apresentar minhas reflexões. O território neste momento é um elemento físico e também social, atribuidor de identidade. Por conta disso, farei uma breve descrição do espaço pesquisado, a comunidade do Bode.

O tempo será uma categoria chave: o tempo histórico, o tempo biográfico, o tempo social. No entanto, não menos fundamentais são as categorias ‘pertencimento social’ e geração. Com isto deixo claro que me coloco junto aos trabalhos que discutem masculinidade a partir de uma perspectiva dinâmica e relacional, em permanente estado de ‘vir a ser’ e, portanto carregada da fragilidade própria de tudo que não é essência, mas sim resultado de

³ O Mapa da Violência IV foi organizado por Waiselfisz (2004) e editado pela UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça. O livro analisa as causas da mortalidade juvenil na década de 1993/2002 no Brasil. O objetivo deste estudo é contribuir, encorajar e informar políticas públicas e estratégias preventivas direcionadas a reverter a situação alarmante da vulnerabilidade social que afeta os jovens do país.

⁴ Carles Feixa y Francisco Ferrándiz,(2005) também chamam a atenção para a participação da mídia na construção da naturalização da juventude atrelada a violência e eles se baseiam em estudos realizados em vários países, o que nos reforça que não estamos falando de algo puramente local.

uma construção social historicamente ancorada. Estrutura e agência em permanente movimento e desequilíbrio.

BREVE ANCORAGEM TEÓRICA

Os estudos sobre masculinidade ganharam fôlego a partir da década de 80 e 90 do século XX. Alguns deles dialogavam com as teorias feministas, outros não, mas direta ou indiretamente todos foram influenciados pelas críticas feministas ao modelo androcêntrico da sociedade ocidental e a naturalização da lógica hierárquica e de dominação masculina vigente nas relações sociais. (Badinter, 1993; Bourdieu, 1999; Gomáriz, 1992; Arilha, Unbehaum e Medrado, 1998, entre outros). Os debates transitavam predominantemente por discussões sobre espaço público/espaço privado, divisão sexual do trabalho, trajetória sexual e reprodutiva. Na medida em que ocorria um aprofundamento e um refinamento nas reflexões sobre gênero, tornava-se mais evidente o esquema binário que organizava nosso mundo: cultura/natureza, social/biológico, ciência/arte, razão/emoção, público/privado (Giffin, 2005).

Os novos paradigmas tentam quebrar esta dicotomia e discutir gênero a partir da perspectiva da construção social que indica relações dinâmicas e dialéticas entre estrutura social e sujeito.

Autores como Kaufman (1987), Kimmel (1987) e Connell (1987), instigados pelo feminismo, buscavam entender e ‘descrever’ os elementos constituidores da masculinidade. O esforço caminhava no sentido de pensar a partir de uma perspectiva histórica e socialmente contextualizada.

Outra dimensão extremamente visitada pelo movimento de mulheres e pelo feminismo foi o da sexualidade e reprodução, seguido pelo movimento gay em luta pelo direito de viver livremente sua sexualidade sem ser marginalizado e vítima da homofobia.

O importante neste momento é que o amplo debate que se travou ao longo de algumas décadas possibilitou um amadurecimento teórico tanto para as teorias feministas como para os estudos de masculinidade, colocando em cheque a lógica binária, universal e estática.

Em 2005 Robert Connell, Jeff Hearn e Michael Kimmel publicam o *Handbook of Studies on Men and Masculinities*, no qual abordam o que eles denominam “desenvolvimento do campo de pesquisas sobre masculinidades”. Apresentam 4 objetivos distintos: 1. a organização social das masculinidades em suas “inscrições e reproduções” locais e globais; 2. a compreensão do modo como os homens entendem e expressam “identidades de gênero”; 3. as masculinidades como produtos de interações sociais dos homens com outros homens e com

mulheres, ou seja, as masculinidades como expressões da dimensão relacional de gênero (que apontam expressões, desafios e desigualdades); 4. a dimensão institucional das masculinidades, ou seja, o modo como as masculinidades são construídas em (e por) relações e dispositivos institucionais. (Medrado e Lyra, 2008:801)

Apesar de no presente trabalho centrar-me mais em aspectos que se situam nos dois primeiros objetivos, defendo que na práxis existe uma permanente interação, às vezes inconsciente, outras explícitas, entre os quatro, na medida em quem, como diz Miguel Vale de Almeida (1998), masculinidade e feminilidade são metáforas de poder e de capacidade de ação e como tal acessíveis a homens e mulheres e presentes nas instituições, nos discursos e nas práticas.

Gostaria agora de pontuar algumas questões que considero fundamentais nesta discussão.

Primeiro, que falar de masculinidade, numa perspectiva relacional, é pressupor uma feminilidade. Sendo assim, existe uma estrutura mais ampla que abarca esta discussão que é a discussão de gênero. Gênero aqui pensado como uma estrutura maior que organiza e ordena as práticas sociais. Nesta perspectiva, *“Masculinidade é ao mesmo tempo a posição nas relações de gênero, as práticas pelas quais os homens e mulheres se comprometem com essa posição de gênero e os efeitos que estas práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura”*. (Connell, 1997:35).

Segundo, é necessário destacar que se gênero é uma estrutura que ordena as práticas sociais, esta, por sua vez, não está desconectada de outras estruturas como raça, classe, nacionalidade e por que não, geração e localidade e que, conseqüentemente também precisam ser consideradas quando vamos refletir sobre masculinidade em contextos específicos. É necessário, no entanto, tomar o cuidado de não reificar relações de desigualdade ao criarmos uma tipificação do tipo masculinidade do homem negro, masculinidade do jovem pobre, masculinidade do latino, e por ai vai. Muito pelo contrário, é necessário estarmos atentos para um processo dinâmico que Connell chama de configurações das práticas, que está permanentemente se atualizando, já que, como coloca Holloway (1984) *“as identidades de gênero se alteram e mudam porque múltiplos discursos interceptam qualquer vida individual.”* (Holloway, 1984 apud Moore, 2000: 36).

Parto do princípio que a masculinidade dita hegemônica é um modelo cultural ideal (Almeida, 1998) que não é vivido efetivamente por nenhum homem concreto, mas atua como um elemento controlador na vida de homens e mulheres e como alimento para a manutenção de uma estrutura de dominação, desigual e hierarquizada.

Sendo uma construção social, não é definitiva, mas legitima relações de poder não só entre homens e mulheres, mas entre homens e homens e também entre mulheres e mulheres, na medida em que nasce de um jogo de forças dinâmico que inclui outras categorias como classe, geração, etnia, orientação sexual, entre outras. Nas palavras de Miguel Vale de Almeida “*Ser homem no dia a dia, na interação social, nas construções ideológicas, nunca se reduz aos caracteres sexuais, mas sim a um conjunto de atributos morais de comportamento, socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados, lembrados.*” (Almeida, 1998: 128) Neste sentido, alguns elementos podem ter maior ou menor peso entre homens que habitam um mesmo espaço social, dependendo das trajetórias individuais.

Na medida em que constroem um capital social, através da educação, do trabalho, de habilidades específicas ou da vinculação com uma instituição imbuída de respeitabilidade social abre-se um espaço que dá maior possibilidade de negociação com alguns padrões locais de masculinidade. Alguns textos relacionam espaços desprovidos economicamente com padrões de masculinidade atrelados a virilidade exacerbada e a violência física. A partir do argumento acima, pode-se pensar que apesar de existir um padrão, muitos rapazes que não correspondem ao mesmo não se sentem ameaçados por terem construído sua identidade a partir de outros elementos e simultaneamente não negam os padrões locais.

Num mesmo espaço, um modelo pode ser mais valorizado do que outro, mas isto pode variar no tempo e também depender da combinação com outros elementos estruturais como capital social, cultural e relações geracionais. Pode variar também na trajetória pessoal. Um elemento bastante presente nas discussões sobre masculinidade é a questão do prestígio, amplamente amparado na reprodução do sistema de status que por sua vez está atrelado a questões de honra e valor social. No entanto, o que é prestígio e quais elementos são atribuidores de valor social e reconhecimento vai variar no espaço e no tempo.

Resumindo, neste trabalho parto de algumas premissas: primeiro, que a masculinidade é **um** aspecto de uma estrutura maior (Connell, 1997); segundo, que as relações de gênero são uma das estruturas principais das sociedades até hoje estudadas (Connell, 1997); e terceiro, que identidade é algo relacional e não uma essência do indivíduo; sendo assim, dinâmica e mutável.

O Bode do Pina

O Bode é uma comunidade que faz parte do Pina, bairro que integra a 6ª Região Político-Administrativa (RPA-6), situada na zona Sul da cidade do Recife. De acordo com o censo do IBGE

(2010) sua população é de 29.196 habitantes. O bairro ocupa uma área de 616,0 hectares. A renda média mensal da população, por ocasião do censo, era de R\$ 868,23. Se o Pina – e o Bode – foram sempre locais de luta e resistência, conforme disse um de seus moradores, foi e continua sendo um espaço de contradições. Internas e externas.

Confrontado com Boa Viagem, bairro vizinho, o Pina caracteriza-se por concentrar a população de menor poder aquisitivo e o Bode é um dos espaços que contribui com esta estatística. À medida que caminhamos pela rua principal de acesso ao Bode, diferentes paisagens vão se descortinando. Inicialmente vemos casas bem acabadas, algumas de dois andares, alternando com estabelecimentos comerciais. Vamos avançando e as ruas vão estreitando na mesma medida em que as casas vão diminuindo, até chegarmos a pequenas vielas, barracos, palafitas e a lugares que há algum tempo atrás era maré. Das ruas principais saem pequenos becos que abrigam moradias exíguas, sem saneamento e sem privacidade. A rua, como na maioria dos bairros populares, é palco de todos os acontecimentos: nela as pessoas compram, vendem, descansam, trabalham, brincam, brigam, sabem da vida dos outros, vivem! A rua é o prolongamento das casas e as casas, da rua.

Falar de um espaço nomeado é falar da vida e também da identidade de seus moradores. No Bode não é diferente. Esta identidade se ampara na comparação com as localidades vizinhas, no caso Boa Viagem e Brasília Teimosa e também nas diferenciações construídas internamente, resultado da negociação permanente de elementos que atribuem valor social. Esta produção de alteridade termina por produzir identidades e classificar pessoas.

Boa Viagem, bairro banhado pela praia de mesmo nome, caracteriza-se por sua posição privilegiada e pelo alto poder aquisitivo de boa parte de seus moradores, principalmente aqueles que moram na Avenida Beira Mar e adjacências. Também é o bairro onde se concentra o maior número de hotéis do Recife e, conseqüentemente, de turistas. Na relação com Boa Viagem, o Bode é classificado como local perigoso, ninho do qual sai boa parte dos “marginais” responsáveis pelos crimes e assassinatos que acontecem no bairro⁵.

Com relação à Brasília Teimosa, a alteridade se constrói a partir de outros elementos. Esta comunidade nasceu na época da construção da capital do país e desde logo ficou conhecida pela organização e luta de seus moradores, donde seu nome: Brasília Teimosa. No confronto com Brasília Teimosa, o Bode assume a característica de favela desorganizada e com pouca força política, mesmo que sua história, menos conhecida, não confirme esta imagem.

Internamente também existe a construção da identidade e da diferenciação social, a partir de hierarquizações. Os mais pobres são os que moram “lá prá dentro”, nas palafitas. Tem também

⁵ Algumas histórias reais divulgadas pela mídia reforçam esta ideia.

o “Combinado” e o “Esse”, áreas identificadas como reduto de traficantes e extremamente violentas. Existe um acordo tácito que determina que quem é do Esse não pode entrar no Combinado e vice-versa, sob o risco de perder a própria vida. Existe igualmente a intenção de não envolver a população nesta guerra, mas nem sempre a intenção corresponde aos fatos. As falas dos moradores são permeadas pela angústia de não poderem mudar o rumo dos acontecimentos. O tráfico tem aumentado e o crack é atualmente o fantasma que ronda todas as conversas. No entanto, como ouvi muitas vezes: “onde não é perigoso hoje em dia? Não é só aqui na favela, não.”. Ao mesmo tempo, o poder público não inspira muita segurança, mesmo que esta lógica venha mudando nos últimos anos a partir de ações do programa “Pacto Pela Vida” do governo do Estado.

No entanto, também é perceptível o sentimento de pertencimento e nas minhas andanças não ouvi ninguém dizer que desejava sair da comunidade. Muitos se orgulham de pertencer a famílias que praticamente fundaram o Bode e é comum morarem próximo a irmãos, tios, primos. Enfim, existe uma rede familiar que com frequência se confunde com a rede de ajuda.

Alguns entrevistados revelaram certo orgulho ao afirmarem poder transitar por todos os espaços, justamente por serem bem vistos por todos e não estarem envolvidos com “*coisas erradas*”.

Quando o tema das conversas é a violência existe um consenso de que agora está pior do que antes. Algumas mulheres que não trabalham afirmam que é melhor ficar em casa e estar de olho nos filhos do que ficarem pelas ruas e depois vê-los envolvidos com drogas ou com criminalidade. Estes discursos, no entanto, são entremeados com outros, igualmente indignados, relativos à forma discriminatória com que os moradores do Bode são, com frequência, tratados para além de seus muros. A discriminação atinge a todos, mas um grupo em especial é alvo de ações mais truculentas: os homens jovens e, principalmente, os negros. A polícia assume o papel de delimitador de espaços sociais. Muitas histórias de constrangimentos e atos de violência sofridos por este grupo mostram a naturalização desta realidade. Estar fora de sua área, à noite, ou andando em grupos já é motivo para serem abordados por policiais de forma truculenta. Esta realidade corresponde a um quadro maior e que reforça o discurso da juventude como um ‘problema social’.

A questão da consideração, principalmente nas relações masculinas, já tem sido pensada teoricamente. “*Ser considerado sintetiza todas as possíveis combinações que dão respeitabilidade e distinção a uma pessoa*” (Lins & Silva, 1990: 170). Esta negociação ficou bastante evidente durante o trabalho de campo. Os rapazes pesquisados deixaram claro a

importância de alimentarem o pertencimento local, mesmo entre aqueles que por diferentes caminhos estão transpondo os limites da comunidade, física e simbolicamente.

No texto “Violência, cultura e poder”⁶ Zaluar (2004), para explicar que em Madureira tem mais roubos e furtos do que em Copacabana, questiona a teoria das zonas morais utilizada pela escola de Chicago (na década de 1920) levando em conta a ideia do ambiente em “que todos se conhecem”. Para ela, o que explica este fato é a falta de regras e o conteúdo das novas regras que vão surgindo no vazio institucional que se forma a partir da sinergia entre a economia subterrânea, as organizações locais e as instituições supostamente encarregadas de manter a lei e a ordem. No espaço que pesquisei ainda foi possível identificar uma moral local que atribui valor àqueles que “todos conhecem”, pois o tráfico, apesar de existir, não adquiriu as proporções vistas no Rio de Janeiro.

Falarei agora da trajetória de três rapazes que nutrem o pertencimento local e ao mesmo tempo conquistaram um campo de negociação que lhes permite flexibilizar alguns padrões de masculinidade. No entanto, fica claro em suas trajetórias que existe um preço a pagar e a moeda de troca muitas vezes é o *tempo* e o *sacrifício*.

Dialogando com o campo: a etnografia

Em um período de dez anos tive diferentes momentos de aproximação com o campo. Inicialmente como educadora em um projeto social; em seguida, durante o trabalho de campo relativo à dissertação de mestrado e finalmente durante o trabalho de campo do doutorado que se deu em duas etapas, uma no primeiro semestre de 2006 e a outra no segundo semestre de 2007. Neste trajeto encontrei alguns rapazes (inicialmente, meninos) em diferentes momentos de suas vidas.

Entre eles estavam Dimas, Robson e Flávio, sobre quem falarei a partir de agora.

Dimas foi um dos meus informantes na pesquisa de doutorado e, lá no início, no final da década de 90, participante das oficinas e dos cursos oferecidos pelo projeto social que trabalhei. Desta época minha memória me traz um garoto tímido e de poucas palavras. O que mais chamava a atenção naquele momento era o fato de ele ser o último filho de uma família muito numerosa e que frequentava as oficinas junto com seu tio, que tinha a mesma idade que

⁶ Este texto é a introdução do livro “Violência e estilos de masculinidade” de Cecchetto(2004).

ele. Ambos eram muito parecidos, física e também no comportamento e muitas vezes eram até confundidos. Eram daqueles meninos que pouco nos ocupávamos, pois eram tão comportados que até esquecíamos sua presença. Lembro-me de conhecer sua mãe, sempre muito zelosa. Moravam na mesma rua do projeto. Às vezes o via jogando bola na rua, mas isto não era muito comum. Era daqueles que ficava mais dentro de casa.

Robson também foi meu interlocutor na pesquisa de doutorado e frequentador do projeto. Era um pouco mais velho que Dimas e bem mais ‘presente’. Participava de todas as atividades: oficina de mecânica, dança popular, quadrilha (junina) e até do teatro, atividade que eu coordenei durante um tempo. Robson morava com o pai e um irmão mais velho. A mãe havia morrido quando ele ainda era pequeno. O pai bebia e por conta disso o garoto era alvo das atenções das coordenadoras do projeto. Era daqueles rapazes que exercia uma liderança natural sobre os colegas, mas de poucas palavras com os adultos. Também fazia sucesso com as garotas. Dançava bem e foi o noivo da quadrilha no ano em que eles chegaram a participar de competições, de tão bonita que estava. Enfim, era um rapaz popular e muito querido. Mas era também daqueles que estava sempre envolvido nas confusões: brigas entre grupos, reclamações, sermões coletivos, enfim era um garoto como outro qualquer, mas com certo carisma.

Alguns anos depois tornei a encontrá-lo, quando fazia a pesquisa de campo para o mestrado. Coincidentemente encontrei-o numa festa junina. Ele não fazia parte dos meus informantes, mas conversamos e contou-me as novidades: sua namorada estava grávida e ele seria pai em poucos meses. Lembro-me que com um lindo sorriso nos lábios comentou: *agora vou ter que tomar juízo, né, agora vou ter filho prá criar*. Soube depois que era um namoro antigo e que ele estava trabalhando com o irmão. Cuidava de uma sala com jogos de vídeo game na própria comunidade. Segundo uma amiga “*ele tá direitinho; é um bom rapaz*”.

Por último vou falar de Flávio. Quando o conheci estava com 10 anos. No projeto social ele e um colega se destacavam pela criatividade. Nas datas festivas eles participavam ativamente, fazendo teatro, bolando coreografia, construindo bonecos de fantoche, fazendo cartazes e tudo que fosse preciso. Também integravam o grupo de dança e adoravam estar no projeto mesmo quando era para não estarem. Sua família era muito pobre e enfrentava muitas dificuldades. O pai já havia morrido e a mãe era doente. Viviam da ajuda dos vizinhos e de algumas faxinas que a mãe fazia. Sua irmã, um pouco mais velha, também frequentava o projeto e participava das aulas de corte e costura. Lembro-me que nesta época, por conta das atividades que ele se envolvia, havia um zumzumzum sobre a ‘macheza’ do rapaz, pois seus gostos eram muito associados ao feminino.

Uns cinco anos depois reencontrei Flávio. Neste momento confesso que me entristeci. Ele trabalhava em um bazar, na própria comunidade, num regime de exploração. Trabalhava das nove da manhã às sete da noite e não recebia nem um salário mínimo. Nesta época parou de frequentar a escola por conta da sobrecarga de trabalho. Apesar disso, dava graças a Deus, pois o sustento da família dependia dele. A mãe estava cada vez mais doente, a irmã havia se juntado com um rapaz que não trabalhava e, além disso, agora tinha também um irmão pequeno para ajudar a criar.

Em 2006, reencontro estes rapazes (entre outros), agora como potenciais interlocutores na minha pesquisa de doutorado. Não nego que com certa surpresa sou atualizada de suas trajetórias “bem sucedidas”. Vamos a elas...

As trajetórias...

A primeira informação que merece ser destacada é que tive dificuldade em marcar uma entrevista com eles. Logo percebi que o tempo era um bem *não* disponível.

Certo dia, encontro a mãe de Flávio na rua e digo que precisava falar com ele. Ela me dá o número de seu celular, mas me alerta: *ele é muito ocupado. Está sempre correndo!* Confesso que fiquei curiosa em saber como ele ocupava seu tempo. Com Robson não foi diferente. Falei com sua esposa (a mesma de anos atrás). Ela igualmente falou que seria difícil, pois ele estava fazendo a mudança da locadora para um novo endereço e estava correndo muito. Novamente seu discurso aguçou minha curiosidade. Encontrar Dimas foi um pouco mais fácil, mas também precisei passar antes por sua companheira para saber os dias que ele estava em casa, já que trabalhava em regime de plantão. Após algumas tentativas frustradas, fui pouco a pouco encontrando meus interlocutores.

DIMAS...

O primeiro foi Dimas. Encontro um rapaz bonito, bem arrumado e com um jeito tranquilo de falar. Estava morando com a mãe de seu filho – um lindo bebe de nove meses – mas fez questão de dizer que estavam juntos por causa da criança. Havia sido um descuido, mas queria estar perto do filho pelo menos nos seus primeiros anos de vida. Trabalhava no exército, na área de computação e para os padrões da comunidade viviam bem.

Conta que descobriu a informática na época que estava no projeto e logo se apaixonou. Ficava o tempo todo atrás do professor querendo aprender cada vez mais. Seu interesse fez com que fosse convidado a ser monitor (nesta época eu já havia saído do projeto). Com quinze anos foi trabalhar com seu tio e com o dinheiro que ganhou comprou um computador, *bem* pouco comum (e não muito desejado) na comunidade, na época. Passava os dias

entretido com seu novo ‘brinquedo’. Conta que mais tarde, quando serviu o exército, foram seus conhecimentos de informática que lhe abriram algumas portas. Graças a sua habilidade foi poupado de situações vexatórias e às vezes até humilhantes que faziam parte do ‘treinamento’ de como ser um militar.

Ao relembrar seu tempo de adolescência conta que era *um pouco diferente* (palavras dele) dos outros rapazes e que muitos deviam achar que ele era *gay*, pois não era namorado e chegou a rejeitar muitas garotas, por não estar interessado. Só queria namorar se fosse para casar. Conta isto achando graça. Sorri ao lembrar que quando uma garota terminou o namoro com ele (após ficarem juntos por um ano) ficou achando que havia perdido tempo – *coisa de mulher, né*, - ele comenta. Não gostava de ficar por ficar. Tinha que ter compromisso.

Refletindo sobre ‘ser diferente’ afirma que a maioria dos rapazes da comunidade é muito acomodada. Ele não, ele quer sempre melhorar e está sempre correndo atrás.

ROBSON

“Era eu chegar para o negócio prosperar; precisava deixar este dom florescer.”
(Robson – entrevista)

Robson me deu dois bolos, mas eu não desisti. Estava curiosa em ouvir sua narrativa. Queria muito saber o que havia acontecido nos anos que se seguiram ao nosso último encontro, quando ele me contou que seria pai. E realmente muitas coisas aconteceram.

Quando estávamos iniciando a entrevista Robson fala, olhando para o relógio: *eu tenho sessenta minutos*.

Aos 16 anos, Robson parou de estudar (estava no 1º ano do Ensino Médio) e foi trabalhar com o irmão, que havia montado uma sala com jogos eletrônicos na própria comunidade. Começou a organizar campeonatos e, rapidamente, o negócio prosperou. Quando completou 18 anos, arrumou um trabalho de servente no Banco do Brasil através de um amigo de seu irmão. Mas, segundo ele, *“foram dois anos de choro e pranto; os patrões nunca acham que o serviço está bom.”* Quando tirou férias, decidiu que arrumaria outro emprego. Conseguiu, através da mãe de criação de sua mulher, o emprego de porteiro em um edifício em Boa Viagem, onde permanece até hoje. Com o dinheiro da indenização e do FGTS, decidiu montar uma videolocadora. Antes, era sócio do irmão em uma locadora no Bode. Alugou uma sala em Brasília Teimosa, comprou cem fitas (sua parte na sociedade) e começou *“só investindo; trabalhava até dez horas da noite, só investindo...”* Relata suas aquisições, demonstrando muita segurança e propriedade:

*“Brasília Teimosa tem 10 locadoras e a população de 40 mil pessoas. É um investimento de médio prazo. Tudo depende da pessoa. No início tinha muita fita pirata, que dá para tirar até por 12 reais, mas tem a Delegacia dos Costumes. Com o tempo, tive que me enquadrar; não tinha firma aberta, não tinha capital de giro, nada. Agora tenho cadastro em quatro distribuidoras; (...)no cartão de crédito, o juros é alto; tem que saber comprar; no meu bairro predomina filme de ação, então, é o que eu priorizo; romance, documentário, não pego porque não compensa; não tem retorno.(...) Ainda não tenho assinatura de revista especializada. É o próximo passo; pois quanto mais conhecimento, é melhor; **abneguei de tudo, da brincadeira, plantando para mais pra frente, colher.(...)** Não trabalho mais com filme pirata, só original; locadora só começa a ganhar dinheiro quando tem um acervo grande de filme; estou na média de mil clientes e dependente; tenho computador, tenho o programa, impressora. (...)Gasto uma média de mil reais por mês na compra de vídeo. Hoje já tenho capital de giro; é pouco, mas ajuda bastante para não entrar no vermelho; tenho que chegar a mil reais; é minha próxima meta.*

Em suas palavras, dos jovens de sua geração, ele é o que está melhor. Exemplifica isto, falando dos bens que tem: televisão tela plana, micro-ondas, freezer. Está pensando em fazer uma previdência privada; é o equivalente a uma aposentadoria de dois salários, “*meu próximo passo é este*”.

Afirma: “***Para você brilhar, num bairro pesado, tem que ter uma força maior***”. Mas em seguida diz que não pretende sair do Bode. Além disso, faz questão de dizer que ajuda as pessoas que precisam, pois tem que fazer sua parte. Ainda durante nossa conversa Robson relembra suas estratégias para se aproximar das garotas, nos tempos de solteiro. Conta que frequentava os pagodes do bairro, mas nunca gostou de beber. Por conta disso levava vantagem, pois no final da noite, quando todos já estavam bêbados, ele era o único que ainda conseguia levar um papo legal com as garotas e era aí que ele se **fazia**... Também lembrou que ficava longe das garotas que andavam com bandido. Segundo ele “***Era bronca na certa***”.

FLÁVIO...

Falar com Flávio não foi fácil. E não era má vontade, era falta de tempo mesmo. Ele trabalhava com carteira assinada em um restaurante de Boa Viagem. Quando largava o

trabalho ia para a locadora que acabara de montar ao lado da Igreja que participa. Na Igreja também tinha inúmeras responsabilidades. Era o coordenador do grupo de jovens e o responsável pela atividade de dança. Também resolvia todos os problemas estruturais do templo: parte elétrica, encanamento e o que mais surgisse. Nesta época ele estava inclusive dormindo em um anexo do templo. Quando conversamos, Flávio falou de muitos outros planos. Havia voltado a estudar e pretendia fazer direito. Sonhava em um dia ser presidente da associação dos moradores do Bode para ajudar a comunidade. No momento da entrevista não estava namorando. Havia terminado um namoro longo, mas tinha planos de casar e ter filhos. Durante a conversa percebo que ele continua sendo o principal provedor da família. Fala, com orgulho, que comprou uma geladeira e um fogão novo para a mãe. Mas como foi que ele passou daquele momento, lá atrás, para a situação atual? Ele conta.

Ainda trabalhava no bazar quando, segundo ele, ‘*encontrou Jesus*’. Um amigo o convidou para assistir um culto da Igreja Batista e percebeu que aquele era seu caminho. Pouco tempo depois um *irmão* convidou Flávio para trabalhar com ele vendendo biscoito pelas ruas da comunidade. Aceitou e assim pode diminuir suas horas de trabalho e ganhar melhor. Também foi através de um *irmão* que conseguiu o emprego no restaurante. Paralelamente, começou a se envolver cada vez mais com as atividades da Igreja. Conta que queria montar um grupo de dança, mas inicialmente sua proposta foi rejeitada. A cúpula não aceitava que um rapaz assumisse esta atividade. Chegou a pensar em treinar uma amiga para que ela ficasse a frente do grupo, mas depois resolveu que iria continuar insistindo. Treinou um grupo, sem que a coordenação soubesse e se apresentaram numa data comemorativa. Foi um grande sucesso e finalmente aceitaram que ele assumisse o grupo. Mas assumiu também muitas outras responsabilidades. Na fala da pastora “*Flávio é uma benção*”. Mas, afinal, o que tudo isto tem a ver com masculinidade? Na minha perspectiva, muito.

SER HOMEM (É) SER MUITAS OUTRAS COISAS

Alguns aspectos merecem ser destacados. Os rapazes em questão têm em comum serem homens, jovens entre 20 e 25 anos e morarem no Bode desde que nasceram. Estas ‘credenciais’ os colocam num segmento social olhado com certa desconfiança, afinal, como já foi dito neste trabalho eles moram num local estigmatizado socialmente e fazem parte de um grupo etário visto como potencialmente perigoso e estatisticamente catalogado como problema social. Alguns textos que cruzam gênero e geração destacam as poucas opções deste

segmento social e o quase natural envolvimento com a contravenção, a violência, sexual e urbana como elementos constituidores de masculinidade.

Mas eles também se assemelham no reconhecimento social local por estarem construindo trajetórias vistas como promissoras. Neste caso, apesar de não serem os únicos, fazem parte de um grupo com pouca visibilidade.

A intenção aqui não é criar uma lógica binária e afirmar que além dos marginais também existem aqueles que seguem o caminho do bem e sendo assim opor os ‘bons’ aos ‘maus’. Muito pelo contrário, a intenção, ao dar visibilidade a um grupo pouco estudado é complexificar a discussão que cruza masculinidade e juventude.

A narrativa de Robson chama atenção por vários motivos. Fica evidente sua habilidade para lidar com os negócios. Num período relativamente curto, ele “dominou” as regras do jogo e avançou aparentemente sozinho. Também fica notório o acúmulo de novos conhecimentos. Seu discurso é de empresário: capital de giro, previdência privada, juros altos. Poderíamos afirmar que, mesmo morando no Bode, seu discurso e seus bens o aproximam de um estilo de vida próprio da classe média.

O relato de Flávio, por sua vez, mostra uma trajetória entrecortada por acontecimentos que nortearam seus caminhos. No período que trabalhava no bazar poderia ser visto como o *otário* (Zaluar, 2000), aquele que trabalha muito e não sai do lugar. Pouco depois, ao tentar coordenar um grupo de dança na igreja foge novamente do padrão de homem socialmente aceito, colocando inclusive em suspeita sua masculinidade. Não me interessa neste momento discutir a orientação sexual do rapaz e sim pensar nos elementos que são vistos como identificadores ou não de masculinidade.

Dimas, por sua vez, traz em seu discurso uma trajetória que sempre ficou meio a margem, na paralela, que passa despercebida.

Neste momento, no entanto, quero ressaltar outros aspectos. O tempo ordinário é um deles. O texto acima mostra que a falta de tempo faz parte do perfil destes rapazes. Isto ficou claro já no primeiro momento, diante da dificuldade em encontrar um horário para entrevistá-los e foi reforçado em muitos outros, muito emblematicamente na fala inicial de Robson “*eu tenho sessenta minutos.*”!

Não ter tempo significa ser muito ocupado, signo de sucesso profissional em nossa sociedade. Seria este um elemento próprio dos homens daquele espaço social?⁷ Mas outros aspectos ligados à administração do tempo também ganham destaque.

Podemos perceber nas trajetórias aqui apresentadas que o tempo biográfico dos três rapazes, apesar de diferir em muitos aspectos, também apresenta algumas semelhanças. O discurso do sacrifício, relacionado ao fato de abrir mão de atividades próprias da juventude é uma delas. Robson fala explicitamente que deixou a brincadeira, a farra e trabalhou até às 10 horas da noite para conquistar seus objetivos. Dimas também mostra que sua dedicação à informática e ‘ser diferente’ foi um fator determinante para atingir certo status social e prestígio entre seus superiores. Flávio, apesar de não falar, mostra no seu relato que precisou abrir mão da despreocupação própria da adolescência para assumir o lugar de provedor da família. Em seguida, conquista reconhecimento na comunidade religiosa que o abriga, mas em contrapartida ‘toma’ seu tempo e sua dedicação.

O tempo e a maneira como ele é administrado é um elemento importante na construção da masculinidade, mas é mais destacado como valor entre homens de classe média. Não costuma ser um elemento destacado quando a discussão está centrada em modelos de masculinidade de homens jovens de grupos populares. O mais comum é serem vistos como aqueles que dispõem de excesso de tempo livre.

Através da reconstituição de suas trajetórias é possível perceber que estes rapazes não correspondiam, em alguns momentos, ao modelo de masculinidade valorizado localmente. Dimas e Flávio não eram viris e sexualmente dispostos para os padrões locais. Robson não era forte para a bebida. No entanto, em seus relatos – feitos anos depois e em outro contexto - estes fatos não ganharam maior relevância na medida em que eles dispunham de um capital simbólico conquistado através de uma negociação com o tempo social.

Existe outra dimensão do tempo que merece ser refletida: o tempo histórico. O contexto nacional e internacional vive um momento de instabilidade econômica e de flexibilização do trabalho. Vivemos a era da incerteza (Beck, 1992). Estes rapazes de alguma forma também estão, nas suas trajetórias, refletindo um contexto mais amplo. Não se busca mais um trabalho fixo onde se passará a vida toda. Mas, por outro lado, no nosso país a estabilidade ainda é o sonho de muito jovem (a busca pelos concursos públicos mostra isto com muita força). Para rapazes que vêm de um segmento social que sobrevive com grande

⁷ Sobre a discussão sobre o tempo e seus sentidos sociais recomendo a tese de Monica Franch “*Tempos, contratempos e passatempos. Um estudo sobre os sentidos e as práticas do tempo entre jovens de grupos populares*. Tese Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

sacrifício ter carteira assinada ainda é um símbolo de sucesso. Por outro lado, eles buscam, simultaneamente, alternativas que lhes dê mais autonomia e mobilidade. Esta é uma característica dos rapazes em questão. Ter o seu próprio negócio é o caminho que alguns encontraram. Mas, as trajetórias também mostram que existe um preço a pagar. O discurso do sacrifício se repete.

O projeto social, a igreja, a rede de ajuda (entre outros) atuaram ao mesmo tempo como ponte para cruzarem as fronteiras da comunidade e como reafirmação do pertencimento local. Uma das formas de retribuição é serem jovens que contribuem para uma imagem positiva da comunidade. Neste caso, serem homens ‘de bem’, ‘trabalhadores’ é, também um exercício de reciprocidade⁸.

Antes de concluir cabe ainda uma reflexão sobre o cruzamento das categorias gênero e geração e o viés da condição juvenil nas trajetórias enfocadas. Machado Pais (2005) chamou atenção para a mobilidade verificada nas trajetórias atuais e denominou de geração io-iô, como forma de ilustrar os processos de idas e vindas, tanto no que diz respeito ao sistema escolar, como relacionado ao espaço de moradia. Os jovens pesquisados constroem projetos, mas também demonstram flexibilidade para adaptar o caminho, ou mesmo mudá-lo, quando se faz necessário. Apesar de terem um objetivo, diante de um obstáculo são capazes de alterar seus planos ou mesmo recuar, sem com isto abrir mão do projeto inicial ou deixarem de acreditar que existem alternativas. O campo mostrou que a partir das “habilidades pessoais” os jovens encontravam brechas no campo de possibilidades e conseguiam transferir algumas “barreiras” para mais adiante, mesmo tratando-se, muitas vezes, de uma condição frágil e instável. Este espaço de movimentação eles associam com a condição juvenil. (Longhi, 2008)

Concluindo, acredito que as trajetórias biográficas em questão nos permitem pensar que alguns elementos vistos como constituidores da identidade masculina como virilidade, coragem, potência, ação, entre outros podem aparecer em diferentes roupagens e serem flexibilizados e negociados. O importante é estarmos atentos aos diferentes movimentos, às ações e relações, mais do que aos fatos isolados.

Referências

⁸ Na tese desenvolvo mais esta discussão sobre reciprocidade.

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si - Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

_____, Miguel Vale de. "Gênero, Masculinidade e Poder: Revendo um caso do sul de Portugal". In *Anuário Antropológico-95*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra; MEDRADO, Benedito(Org.). *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS/Ed. 34, 1998.

BADINTER, Elizabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 314p.

BECK, Ulrich. *Risk society*. London, Sage. 1992

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CARRIGAN, T, CONNELL RW & LEE, J. *Hard and heavy: Toward a new sociology of masculinity*. In M Kaufman (ed.). *Beyond patriarchy: essays by men on pleasure, power, and change*. Oxford University Press, Toronto-Nova York. 1987

CECCHETTO, Fátima Regina. *Violência e estilos e masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CONNELL, R. W. *Gender and power: society, the person and sexual politics*. Stanford University Press, Stanford. 1987

_____, RW. *Masculinities*. University of California Press, Berkeley-Los Angeles. 1995a

_____, RW. *Políticas da masculinidade*. *Educação e Realidade* 20(2):185-206. 1995b

_____, RW. *La organización social de la masculinidad*, pp. 31-48. In T Valdés & J Olavarría (eds.). *Masculinidades: poder e crisis*. Ediciones de las Mujeres 24. Isis Internacional, Santiago. 1997

FEIXA, Carles; *A construção histórica da Juventude*, in CACCIA-BAVA, A.; FEIXA-PAMPOLS, C. F.; CANGAS, Y. G. (orgs.); *Jovens na América latina* – São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

_____, C. & FERRANDIZ, F. (eds.) *Jóvenes sin tregua: Culturas y políticas de la violencia*. Libros de la Revista Anthropos. 2005.

FRANCH, Mónica. *Tardes ao léu: um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens de periferia*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2000.

_____. "Tempos, contratempos e passatempos. Um estudo sobre os sentidos e as práticas do tempo entre jovens de grupos populares. Tese Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

GIFFIN, Karen. *A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico*. In *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1):47-57, 2005.

- GIRALDO, Fernando Urrea e QUILEZ, Pedro Quintín. *Ser hombre negro y joven: construccion de identidades masculinas entre sectores populares excluidos em Cali (Colombia)*. *CADERNO CRH*, Salvador, n. 32, p. 171-211, jan./jun. 2000
- GOMÁRIZ, Enrique. “Los estudios de género y sus fuentes epistemológicas: periodización y perspectivas”. In: RODRÍGUES, Regina (Ed.). *Fin de siglo: genero y cambiocivilizatorio*. Santiago: Isis International, 1992. p. 83-110. (Ediciones de las Mujeres, n. 17).
- GROSSI, Miriam Pillar. “*Masculinidades: uma revisão teórica*”. *Antropologia em Primeira Mão*, v. 75, p. 1-37, 1995. Disponível em: <http://www.antropologia.ufsc.br>. Acesso em: 25 maio 2008.
- HARAWAY, Donna. “*Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*”. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995.
- KAUFMAN, M. *The construction of masculinity and the triad of men’s violence*, pp.1-29 In M Kaufman (ed.) *Beyond patriarchy: essays by men on pleasure, power, and change*. Oxford University Press, Toronto Nova York. 1987
- KAUFMAN, M. *Las experiencias contradictorias del poder entre los hombres*, pp. 63-81. In T Valdés & J Olavarría (eds.). *Masculinidades: poder e crisis*. Ediciones de las Mujeres 24, Isis Internacional. Santiago. 1997
- KIMMEL, MS. *The cult of masculinity: American social character and the legacy of the cowboy*, pp. 235- 249. In M Kaufman (ed.). *Beyond patriarchy: essays by men on pleasure, power, and change*. Oxford University Press, Toronto-Nova York. 1987
- KIMMEL, MS. *Homofobia, temor, verguenza y silencio en la identidad masculina*. In T Valdés & J Olavarría (eds.). *Masculinidades: poder e crisis*. Ediciones de las Mujeres 24, Isis Internacional. Santiago. 1997
- LINS, Paulo & SILVA, Maria de Lourdes da. *Bandidos e evangélicos: extremos que se tocam*. *Religião e Sociedade*, 15 (1): 163-74, 1990.
- LONGHI, Marcia Reis. *Viajando em seu cenário: reconhecimento e consideração a partir de trajetórias de rapazes de grupos populares do Recife*. Recife; Ed. Universitária da UFPE, 2008.
- MEDRADO, Benedito; FRANCH, Mônica; LYRA, Jorge; BRITO, Maíra (Orgs.). *Homens, tempos, práticas e vozes*. Recife: Fapes/Papai/Nepo-Unicamp, 2004.
- _____, B. & LYRA, J. *Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades*. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(3): 424, setembro-dezembro/2008.

MOORE, Henrietta L. *Fantasia de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência*, in PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena (orgs.) *Corporificando gênero*; Cadernos Pagu (14) 2000.

NASCIMENTO, Pedro. *Ser homem ou nada*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, UFPE, Recife. 1999

NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (organizadores) 2004. *Juventude e Sociedade – trabalho, Educação, Cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. *Intersecção de redes: juventude, pobreza e criminalidade*; XIII Congresso Brasileiro de Sociologia; Recife. 2007

PAIS, José Machado; CAIRNS, David; PAPPÁMEKAIL, Lia. *Jovens Europeus: retrato da diversidade*; Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17 n. 2 – pp 109-140. nov. 2005.

SILVA, Jaílson de S. *et alli. Caminhada de crianças, adolescentes e jovens na rede do tráfico de drogas no varejo do Rio de Janeiro, 2004-2006*. Relatório de pesquisa, obtível no site www.observatoriodefavelas.com.br. 2006

_____, Jaílson de Souza. *Por que uns e não outros: caminhada de estudantes da maré para a universidade*. Tese de doutorado. FE, PUC – RJ Rio de Janeiro, 1999.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência IV*; Brasília: UNESCO, 2004.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____, Alba. *Violência, cultura e poder*. In CECCHETTO, Fátima Regina. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.